

Avaliação de palha de variedades locais de trigo para confecção de artesanato¹

Círio Parizotto² e Milton da Veiga³

Introdução

No Vale do Rio do Peixe, o cultivo de trigo iniciou na década de 1920 com a vinda de agricultores de origem italiana e alemã do Rio Grande do Sul, quando foram instalados moinhos na região para atender o consumo familiar e o comércio local. Na década de 1940, a triticultura começou a se expandir na região de Joaçaba, enfrentando problemas de infraestrutura, principalmente a dificuldade de transporte até os centros consumidores (Filippim et al., 1994).

O artesanato de palha de trigo, como a confecção de chapéus, *sportas* (sacolas) e cestas, era útil às atividades diárias dos agricultores. Além disso, outros acessórios com finalidade decorativa sempre estiveram associados ao cultivo dessa espécie pelos colonizadores do Oeste Catarinense, principalmente os de origem italiana. É importante observar que o objetivo maior era a produção do trigo para autoabastecimento e comercialização de excedentes, e o artesanato se constituía em um subproduto dessa atividade (Filippim et al., 1994).

A queda da produção de trigo na região e a substituição de variedades tradicionalmente cultivadas por variedades melhoradas (cultivares), de menor porte, afetaram significativamente a oferta de palha de boa qualidade para a confecção de artesanato, o que desestimulou essa produção a partir da palha de trigo. Paralelamente à baixa oferta de matéria-prima de boa qualidade, verificou-se, nas últimas décadas, o desinteresse dos jovens no aprendizado do artesanato com palha (Manenti et al., 2009).

A Agência de Desenvolvimento do Meio-Oeste Catarinense (ADMOC)

constatou, em diagnóstico realizado em 2002, a possibilidade do resgate e incremento do artesanato com palha de trigo por meio da articulação de uma rede de artesãos ligados a essa atividade (ADMOC, 2002). Em 2004, houve uma articulação entre a ADMOC, a Associação dos Municípios do Meio-Oeste Catarinense (AMMOC), a Unoesc e o Sebrae/SC, os quais elaboraram o projeto de Desenvolvimento do Artesanato em Palha de Trigo. No início de 2006, o projeto ganhou mais força com a adesão de empresas privadas e de uma empresa pública que presta assessoria a agricultores familiares em SC (Manenti et al., 2009).

Após o resgate das variedades locais de trigo junto aos agricultores da região Sul, a Epagri passou a realizar avaliações dessas variedades (Figura 1), com o apoio do Sebrae e a colaboração

de um grupo de artesãs do município de Água Doce. O estudo teve como objetivo identificar as variedades que se destacam em termos de qualidade de palha para confecção de artesanato.

Pesquisa qualitativa

A avaliação do material foi realizada no município de Água Doce utilizando-se palha de variedades locais de trigo resgatadas em propriedades rurais na região Sul do Brasil, além de um cultivar para a produção de grãos (Rubi), cultivada pelos triticultores na região. A palha foi obtida em uma Unidade de Observação conduzida no sistema orgânico na Epagri/Estação Experimental de Campos Novos nas safras de 2006, 2007 e 2008. As variedades utilizadas e os respectivos municípios de resgate foram: Peladinho



Figura 1. Produção de variedades locais de trigo no sistema orgânico na Epagri/Estação Experimental de Campos Novos

Recebido em 28/4/2011. Aceito para publicação em 16/10/2012.

¹ Trabalho desenvolvido com recursos da Epagri e com o apoio do Sebrae, do grupo Tranças da Terra e de artesãs de Água Doce, SC.

² Engenheiro-agrônomo, M.Sc., Epagri / Estação Experimental de Campos Novos, C.P. 116, 89620-000 Campos Novos, SC, fone/fax: (49) 3541-0748, e-mail: cirio@epagri.sc.gov.br.

³ Engenheiro-agrônomo, Dr., Epagri / Estação Experimental de Campos Novos, e-mail: milveiga@epagri.sc.gov.br.

Branco 1 (PB1) em Jardinópolis, SC; Peladinho Vermelho (PV), Peladinho Branco 2 (PB2) e Milanês em Caxias do Sul, RS; Peladinho Anão (PA) em Joaçaba, SC; PTB em São Marcos, RS; e Rubi em Campos Novos, SC.

Pelo fato de as palhas de cada variedade apresentarem ciclos diferenciados, sua coleta foi realizada no ponto ideal de colheita para obtenção de uma boa qualidade de palha, definido juntamente com o grupo de artesãs. Nessa definição foram considerados como critérios colher a palha no mesmo ponto de colheita do grão e com tempo seco, além de não a expor ao orvalho, uma vez que a palha passa da cor branca para a amarela quando umedecida, uma característica não desejada na confecção de artesanato. A palha do colmo do trigo utilizada localiza-se entre o último nó e a espiga, envolvida com a bainha da folha bandeira.

A avaliação da qualidade da palha das diferentes variedades para uso em artesanato foi realizada por meio de pesquisa qualitativa (Godoy, 1995), com aplicação de questionário estruturado. Essa avaliação foi realizada por dois grupos de artesãs com experiência na produção de artesanato em palha de trigo (Figuras 2 e 3). Dez artesãs avaliaram a qualidade da palha (G1) e seis a qualidade das tranças na montagem do artesanato (G2). Na avaliação do G1, os materiais foram numerados e as artesãs confeccionaram 50cm de trança de cada variedade e, posteriormente, atribuíam conceitos para cada questão formulada. No G2, as tranças elaboradas pelo G1 foram avaliadas no momento da confecção do artesanato. As avaliações foram realizadas pelas mesmas artesãs nos três anos de estudo. As questões constantes nos questionários respondidos por cada grupo de artesãs e as respectivas alternativas de resposta constam na Tabela 1 (a seguir).

Para realizar a análise estatística dos dados, as respostas qualitativas de cada questão foram transformadas para os valores 1, 2 e 3, partindo da pior para a melhor avaliação dentro de cada questão formulada, considerando-se a informação de cada artesã como uma repetição, em delineamento completamente casualizado. Os resultados foram



Figura 2. Grupo de produtores de trigo e artesãs envolvidas na avaliação da palha para confecção de artesanatos em Água Doce, SC



Figura 3. Artesanato confeccionado com palha de trigo pela Associação Tranças da Terra

submetidos à análise multivariada e de agrupamentos por distância euclidiana pelo vizinho mais distante (ligação completa).

Resultados da pesquisa

A análise multivariada não detectou predominância de um ou mais atributos na classificação das variedades de trigo com relação à qualidade de sua palha, de forma que todos os atributos foram utilizados em conjunto para definir os agrupamentos por distância euclidiana

para cada ano e para os três anos de avaliação (Figura 4, a seguir). Observaram-se diferentes agrupamentos de variedades em cada ano de avaliação, o que pode ser explicado pelas condições climáticas diferenciadas no ciclo da cultura entre os anos estudados, principalmente na precipitação pluviométrica (Tabela 2, p. 39), as quais afetaram o desenvolvimento da cultura e a ocorrência de doenças no final de seu ciclo.

No primeiro ano de avaliação, o cultivar Milanês apresentou o pior desempenho (Figura 5, p. 39), ▶

Tabela 1. Questões formuladas e respostas esperadas do questionário respondido pelos artesãos para avaliar a qualidade da palha (G1) de trigo (Q1 a Q7) e a facilidade de montagem dos artesanatos (G2) com as tranças confeccionadas com essa palha (M1 e M2)

Item	Questão formulada	Resposta esperada		
Q1	Em relação à cor da palha, você considera:	Ruim	Regular	Boa
Q2	No que se refere ao comprimento da palha, como se apresenta:	Ruim	Regular	Bom
Q3	Em relação ao grau de flexibilidade da palha, avalia como:	Baixa	Média	Boa
Q4	Considerando o diâmetro da palha, considera:	Ruim	Regular	Bom
Q5	A diferença de diâmetro de uma extremidade a outra da palha é:	Grande	Média	Pequena
Q6	Em relação à qualidade da trança produzida com esta palha, ela é:	Ruim	Regular	Boa
Q7	Analise a trança elaborada e dê um conceito:	Ruim	Regular	Bom
M1	Em relação à textura da trança (dureza):	Quebra	Intermediária	Não quebra
M2	A costura da palha é:	Difícil	Intermediária	Fácil
Escore		1	2	3

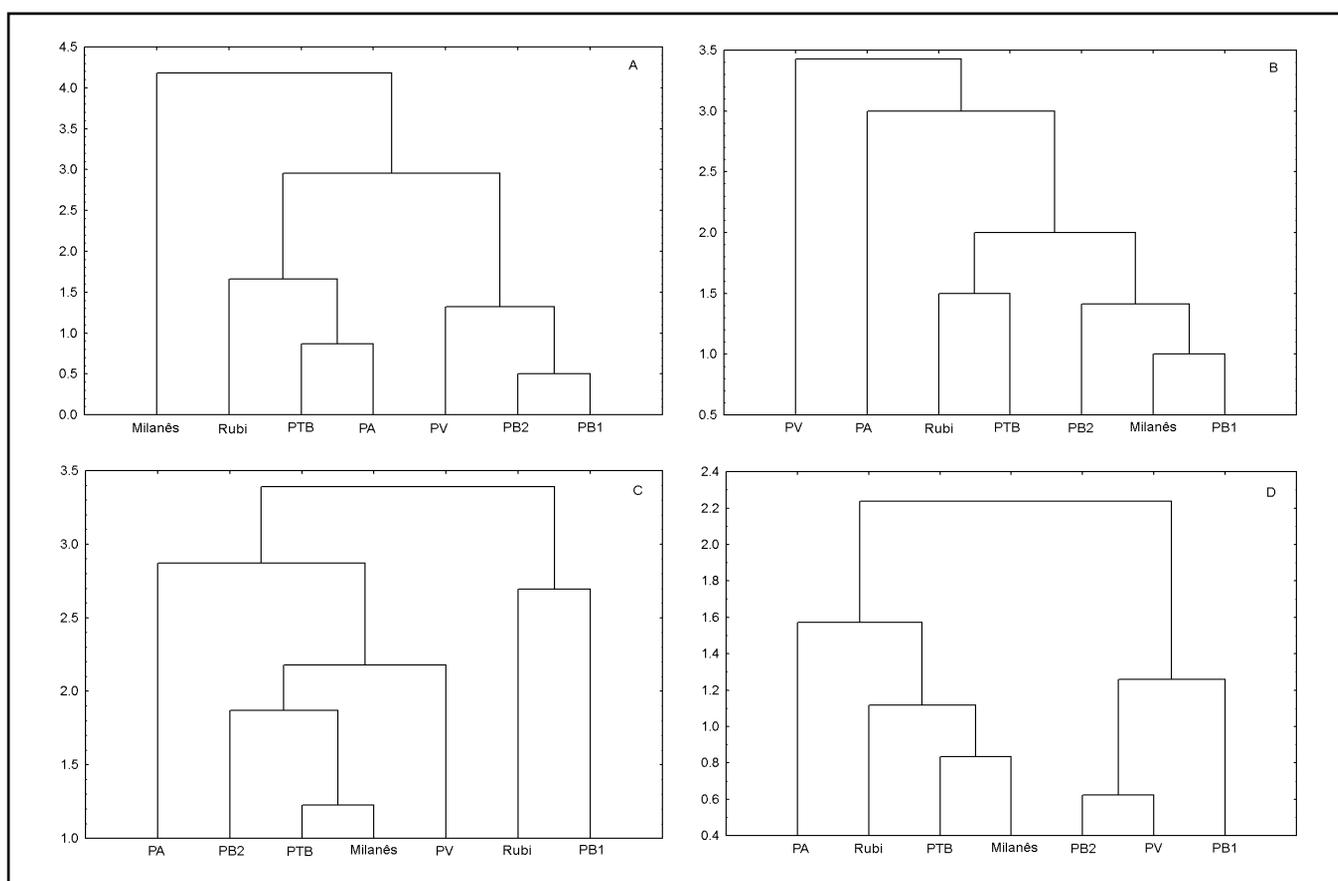


Figura 4. Dendrogramas de agrupamentos por distância euclidiana pelo vizinho mais distante (ligação completa) em função da qualidade da palha de cultivares de trigo para confecção de artesanatos, colhidos nas safras de 2006 (Figura 4A), 2007 (Figura 4B), e 2008 (Figura 4C) e para os três anos em conjunto (Figura 4D)

Nota: PB1 = Peladinho Branco 1; PB2 = Peladinho Branco 2; PV = Peladinho Vermelho; PA = Peladinho Anão; PTB = sem nome específico.

diferenciando-se dos demais no agrupamento por distância euclidiana (Figura 4A), enquanto os melhores desempenhos foram observados nos cultivares PV, PB2 e PB1. Estes formaram um agrupamento distinto dos cultivares Rubi, PTB e PA. No segundo ano foram observados os piores

desempenhos médios para a maioria dos cultivares (Figura 5, a seguir), o que, provavelmente, está associado à maior precipitação pluviométrica ocorrida durante todo o ciclo da cultura, favorecendo a ocorrência de doenças. Nesse ano os cultivares PV e PA, respectivamente com melhor e

pior desempenho, formaram grupos distintos em relação às demais variedades, que apresentaram qualidade intermediária e com pequena diferenciação entre si (Figura 4B). No terceiro ano se observou uma maior uniformidade de desempenho médio entre as variedades (Figura 5), mesmo

Tabela 2. Precipitação pluviométrica mensal durante o ciclo da cultura do trigo nos três anos de avaliação, determinada na Estação Meteorológica da Epagri/EECN

Mês	Ano		
	2006	2007	2008
 mm		
Julho	56,5	293,7	39,7
Agosto	159,4	112,6	108,1
Setembro	150,1	158,9	224,8
Outubro	135,1	253,2	408,1
Novembro	186,4	198,8	152,1
Total	687,5	1.017,2	932,8

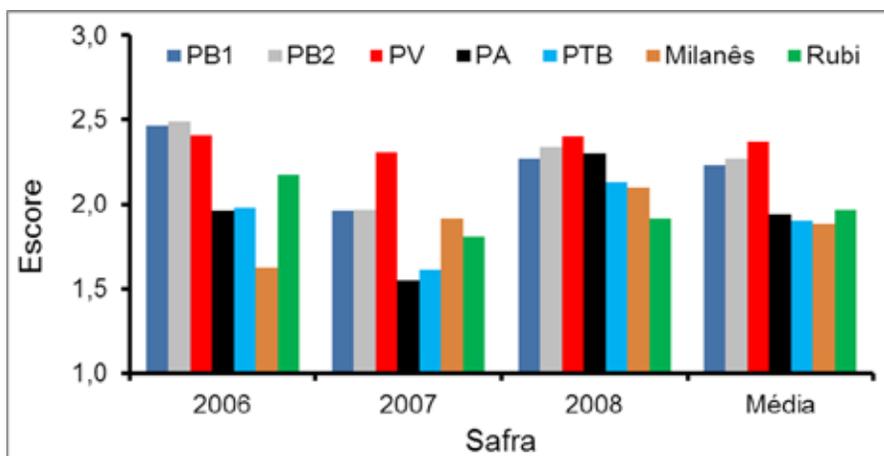


Figura 5. Médias das respostas dos artesãos às questões formuladas para avaliação da qualidade da palha de cultivares de trigo colhido em três safras, para a confecção de artesanato

tendo ocorrido elevada precipitação nos períodos de florescimento e enchimento dos grãos da cultura. No agrupamento por distância euclidiana foi observado um grupo formado pelo cultivar PB1 e pelo Rubi, respectivamente com uma das melhores e uma das piores avaliações de qualidade da palha, e eles se diferenciaram dos demais e também entre si (Figura 4C). No outro agrupamento pode-se destacar dos demais apenas o cultivar PA.

No conjunto de três anos avaliados, os cultivares PV, PB2 e PB1 apresentaram as melhores avaliações médias de qualidade da palha para confecção de artesanato (Figura 5) e se diferenciaram dos demais no agrupamento por distância euclidiana (Figura 4D), indicando serem os cultivares mais promissores para a produção de palha para artesanato. Esse resultado vem ao encontro dos obtidos por Bevilaqua et al. (2003), que analisaram o comprimento do pedúnculo de diversos genótipos e

indicaram o cultivar PV como de grande potencial para essa finalidade. Da mesma forma, Linhares (2006) destacou os cultivares PV e PB2 como detentores de características apropriadas para a confecção de tranças.

Considerações finais

A condição variável do clima na região nem sempre favorece o bom desenvolvimento da cultura do trigo no sistema de produção orgânico, podendo afetar a qualidade de sua palha. Isso indica a necessidade das artesãs armazenarem uma quantidade extra de palha de safras com boa qualidade para manter um estoque de segurança. Assim, elas se previnem de futuras frustrações de safras e garantem a disponibilidade de matéria-prima para a confecção de artesanato de qualidade para manter a regularidade de fornecimento aos consumidores.

Agradecimentos

Os autores agradecem às artesãs Laura Zanatta, Odila Ribeiro, Luiza Piala Macagnan, Yolanda Torteli, Miraci Puton, Jurema Picolli, Terezinha Massarolo, Neiva Piáia, Nilde Toigo, Neide Spinello, Nadir M. Nardi, Maria Rosa Masson, Neocilde Schweizer, Rosimeri Macagnan, Cleni S. Macagnan e Rejane Beal pela realização das avaliações; ao Grupo Tranças da Terra pelo apoio logístico; e ao Sebrae, através do consultor técnico Vilson José Ghidorsi, pelo acompanhamento e orientações.

Literatura citada

1. AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO MEIO OESTE CATARINENSE. **Diagnóstico regional**. Joaçaba, SC: ADMOC, 2002.
2. BEVILAQUA, G.P.; LINHARES, A.G.; SOUSA, C.N.A. Caracterização de genótipos de trigo do bloco de cruzamento da Embrapa Trigo, RS, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria v.33, n.5, p.789-797, 2003.
3. FILIPPIM, E.S.; TESSER, D.P.; BARISON, I.M. et al. **A trajetória da triticultura na região de Joaçaba**. Joaçaba: UNOESC, 1994. Mimeografado.
4. GODOY, A.S. Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, 1995.
5. LINHARES, A.G. **Palha de trigo para artesanato**. Passo Fundo: Embrapa Trigo, 2006. 4p. (Embrapa Trigo. Comunicado Técnico Online, 179). Disponível em: <http://www.cnpt.embrapa.br/biblio/co/p_co179.htm>. Acesso em: mar. 2011.
6. MANENTI, O.M.; BERNARDI, S.V.S.; FILIPPIM, E.S. et al. Trançando a palha de trigo: uma experiência associativista. **Race**, Joaçaba, v.8, n.1, p.7-32, 2009. ■